

ESCREVER CARTAS: AS MATERIALIDADES DAS CORRESPONDÊNCIAS

Carla Gastaud¹
ICH/UFPeI
cgastaud@terra.com.br

As materialidades das cartas têm implicações: o papel, o envelope, a pena/caneta - os instrumentos da escrita; o lugar de escrever; a distribuição do escrito na página; a ordem em que os assuntos aparecem; o estilo adotado; os espaços deixados em branco; as normas epistolares seguidas (ou não). Tudo isso provoca efeitos sobre os missivistas, quem escreve e quem recebe que, por sua vez, lê e escreve em resposta. A materialidade da carta pode (ou antes, pretende) conformar a leitura que será feita pelo destinatário ao induzir tal ou qual compreensão, insinuar o indescritível, expor determinadas impressões e sentidos. Pode, ainda, expressar a posição (social, econômica, política, inferior, superior) dos interlocutores do pacto epistolar.

Neste trabalho são investigadas as materialidades das cartas a partir de prescrições de manuais e de cartas pessoais, pertencentes a dois conjuntos epistolares distintos, escritos no último quarto do século XIX e na primeira metade do século XX

É no século XIX que as novas formas da cultura escrita se impõem e as relações epistolares acabam por matizar² toda a vida social, um aspecto do processo em que se “*mettre a la portée de toute une société prise de gré ou de force dans les entrelacs de l’écrit*” (DAUPHIN, 2000, p. 12).

Num mundo que se torna cada vez mais grafológico, a correspondência “*reste l’exercice par excellence qui fait accéder a l’univers de l’écrit*” (DAUPHIN, 2000, p. 12). Esse é o tempo em que todos e qualquer um³, em alguma ocasião, precisou escrever cartas, acessar este universo, daí o significativo sucesso dos manuais de escrita epistolar do século XIX.

¹ ICH/UFPeI. Doutora.

² *Émailler* no original. (Dauphin, 2000, p. 12).

³ “Gentes de pluma e sem ela”, nas palavras de Castillo Gomes, 2006, p.19.

O conjunto de saberes necessários, que está no foco dos manuais com relação à escrita de cartas, inclui instruções para suprir a falta da habilidade exigida para uma adequada expressão escrita do relacionamento: afetivo, familiar, comercial, social, intelectual ou científico. Inclui, igualmente, instruções que dizem respeito às relações sociais que uma carta estabelece, ou mantém, e que se ocupam tanto do como uma carta deve parecer, isto é, de seus exteriores, como dos tratamentos a serem empregados conforme a qualidade, o gênero, a idade, a função e a posição do destinatário e do remetente.

Os exteriores da carta são objeto dos manualistas, que se ocupam do papel de cartas - sua qualidade, fineza, elegância, tamanho – mas também da tinta, dos espaços em branco, dos vocativos.

Generalizando, a partir desses manuais, pode-se afirmar que elegante é o papel de boa qualidade, simples, branco ou marfim. O papel de carta que serve para todos os epistológrafos é esse. Contudo, algumas extravagâncias podem ser toleradas entre correspondentes íntimos: papel colorido para as moças, formatos algo exóticos, outra tinta que não a azul ou a preta, tanto que “Na nossa correspondência mundana usamos um papel elegante, um pouco original” inaceitável em alguns tipos de cartas que requerem mais circunspeção. (BERNAGE, 1967, p. 121). A palavra chave aqui é pouco, “um pouco original” escreve *Mlle.* Bernage (1967, p. 120) apenas um pouco porque, como ela afirmara alguns parágrafos antes: “o mais simples é o mais fino”.

Existe a possibilidade de pequenas variações. Léa Silva (1962, p. 43) apregoa: “a mulher sensata escolhe o papel apropriado às circunstâncias, às pessoas a quem se dirige, revelando a nobreza de seu caráter e seu bom gosto”. Entretanto, ao escrever para parentes e amigos íntimos, as senhoras e senhoritas podem empregar uma das “inúmeras criações da moda”, mas sempre “escolhendo com critério as cores e a qualidade do papel” e, prossegue, para o homem de preferência papel branco.

O manual da Condessa de Gencé (s/d) passa por alto as tintas, do que não se ocupa, mas demora-se nos papéis: “uma carta deve ser escrita n’um papel decente”. Esta recomendação, mais básica que a de distinção, diz respeito ao “asseio” e mesmo a carta da mundana ou o bilhete do capataz, que não aspiram (ou não devem aspirar) distinção, devem a ela atender. (GENCÉ, s/d., p. 174).

O papel colorido, diz ainda o Tratado de Civilidade e Etiqueta da Condessa, de “cores vivas taes como o carmezim, o verde, o roxo” é de muito mau gosto. Cores mais suaves podem ser usadas por senhoras sabendo-se de antemão que “estas fantasias porém, denotam sempre frivolidade”. (GENCÉ, s/d., p. 174). Outras fantasias são indícios de faltas mais graves: “os ornatos e os desenhos no papel peccam sempre contra a simplicidade e o bom gosto”. (GENCÉ, s/d., p. 175).

Não só a cor do papel é objeto de regulação, o tamanho do papel, a distribuição da escrita na superfície da folha, a existência ou não de linhas, também o são. Grande, dobrado, escrito em todas as faces, deixando margens laterais, espaços em branco antes de iniciar a carta, várias são as recomendações e elas variam junto com o remetente e o destinatário.

Uma das recomendações diz respeito à espessura do papel empregado, que deve ser “bastante espesso para a tinta não passar para o outro lado” (CARVALHO, 1975, p. 88). A recomendação procede: muitas das cartas do conjunto epistolar família G⁴ beiram à ilegibilidade justamente por conta de a tinta da escritura de um lado se misturar à escritura do outro lado da página. Esta utilização dos dois lados para escrever é frequente, as características do papel, mais ou menos fino e transparente, podem tornar a leitura mais ou menos difícil.

Os correspondentes nem sempre levam em conta quer as recomendações dos manuais, quer o senso comum de não escrever dos dois lados do papel fino demais, como nesta carta, do conjunto G, escrita em 16 de maio de 1935, em Pelotas⁵:



Folha de uma carta, escrita em 16 de maio de 1936.

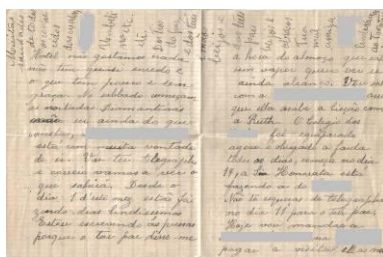
⁴ Conjunto epistolar constituído pela correspondência mantida por Antônio com a família durante o período em que estudou em Porto Alegre - e pelas cartas trocadas com a namorada Rita, depois esposa, - entre os anos de 1931 e 1944 em que residiram em cidades diferentes, Pelotas e Porto Alegre, alternadamente. Este conjunto é composto por 547 cartas.

⁵ Os nomes estão ofuscados para manter a privacidade dos correspondentes.

A importância dos brancos em uma carta está prescrita em vários manuais. Berthe Bernage, autora da Arte das Boas Maneiras – Moderno Manual de Boa Educação e Civilidade (1967), explica aos seus leitores que “não se deve começar a carta logo no cimo da folha. A distância do cabeçalho ao alto da folha será tanto maior quanto maior for a consideração que desejarmos testemunhar à pessoa a quem escrevemos”. (BERNAGE, 1967, p. 121). Do mesmo modo, Carmen D’Avila propugna: “começa-se a escrever no alto do papel. A distância entre o começo da página e o início da escrita crescerá na proporção do respeito devido ao destinatário” (1942, p. 164). E, complementa, “não se escreve até o fim da página quando nos dirigimos à pessoa de respeito, ainda mais não se escreve em todos os sentidos parecendo economizar papel; no caso de haver mais alguma coisa a dizer, deve-se usar uma nova folha”. (D’AVILA, 1942, p. 165).

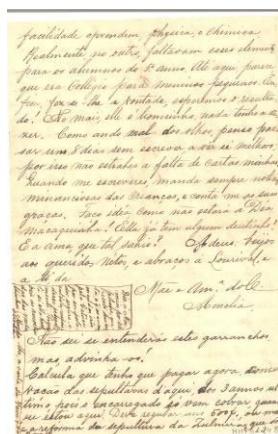
Usar uma “nova folha” não ocorre facilmente aos membros da família G, correspondentes de Antônio. Eles frequentemente escrevem nas margens recados e despedidas que iniciam em uma página e terminam em outra, sem ordem aparente. O leitor precisa procurar a continuidade do parágrafo numa espécie de quebra-cabeças espalhado por várias páginas da carta, às vezes na vertical, perpendicular ao corpo da carta, mais difícil de ler, algumas vezes sobrepondo-se ao escrito anterior.

Na carta que segue, Helena, a mãe de Antônio, utiliza a margem superior para as despedidas que não couberam na página. Essa carta foi escrita em 6 de agosto de 1933, época em que Antônio estudava medicina em Porto Alegre enquanto sua família permanecia em Pelotas.



Folha da Carta de Helena a Antônio, 6 de agosto de 1936

Em outro conjunto epistolar, a Baronesa Amélia⁶, embora demonstre um grande domínio da pena, algumas vezes também usa o papel de modo pouco ortodoxo, escrevendo às margens e atravessando linhas para concluir um parágrafo. Na carta que segue, observa-se a criação de espaços e posições inusitadas das linhas e frases no corpo da carta.

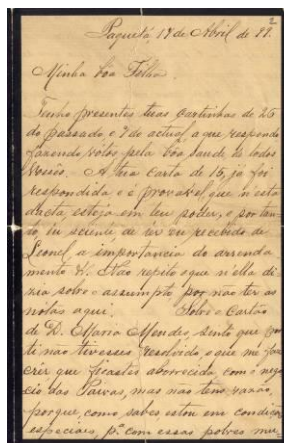


Página da Carta da Baronesa Amélia a D. Sinhá, 12 de outubro de 1909.

O uso oportunista do papel mostra que nem todas as regras explicitadas nos manuais encontram expressão nessa correspondência privada, seja da Família G, seja da Família Maciel. Dominar as artes do escrito torna possível ao transgressor da norma, fazê-lo, e sem se desculpar, como não o fazem nenhuma das mães cujas cartas apresentei há poucas linhas. Dominar a pena e seus usos faz com que o missivista saiba os maus usos que se pode permitir, aqueles pelos quais deve se desculpar e os que não devem ocorrer em cartas de pessoas educadas.

Algumas exceções ao emprego de papel branco e liso despertam atenção: por vezes o papel traz no cabeçalho o nome de um hotel, umas poucas vezes uma pequena estamperia floral enfeitada com delicadeza a página, e, em outras, para os períodos de luto, a folha é tarjada de negro:

⁶ A Baronesa é um dos correspondentes do conjunto epistolar Família Maciel que está depositado no Museu da Baronesa, Pelotas, RS, Brasil. Este conjunto é constituído por duzentos e trinta e duas cartas recebidas por D. Sinhá, filha da Baronesa que dá nome ao Museu, e enviadas por sua mãe, Amélia, e por seus filhos, Rubens e Mozart, entre os anos de 1885 e 1928.



Página da Carta da Baronesa Amélia a D. Sinhá,
18 de abril de 1899

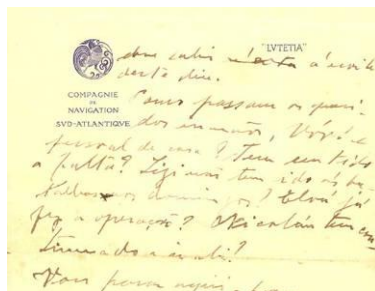
Nesta carta, a tarja foi utilizada apenas na página externa. As folhas internas combinam com ela, isto é, são de papel da mesma qualidade e tamanho, mas não trazem a marca do luto. (Carta de 17 de abril de 1899. Conjunto Maciel).

A Baronesa faz o que fazem “com razão muitas pessoas distintas”, prefere a simplicidade e “faz uso de ótimo papel mas sem ornato algum”. Como adverte J. I. Roquette, “o papel deve ser proporcionado às pessoas, idade, sexo e condição dos correspondentes”. (ROQUETTE, [1868] 1997, p. 270).

Os netos, Rubens e Mozart, escrevendo à mãe durante um *tour* europeu utilizam os papéis timbrados oferecidos pelos navios em que viajam ou pelos hotéis em que se hospedam como, por exemplo:



Excerto da Carta de Rubens a D. Sinhá, 15 de julho de 1914.



Excerto da Carta de Rubens a D. Sinhá, 2 de fevereiro de 1914.

Mais de cem anos depois do livro de Roquette, as prescrições do manual “Cartas para todos os fins” (1983) para o papel nas cartas são similares às dos manuais mais antigos:

Usar um que varia conforme as circunstâncias. Assim pois para as manuscritas, papel pautado, de preferência o de preço médio, usando-se linho para as cartas de cerimônia ou a pessoas importantes, e àquelas a quem se queira distinguir. Para as datilografadas, papel encorpado, liso, de tamanho carta e sem timbre. Com este último, entretanto, em correspondência comercial ou de negócios em geral. O comum é o timbre profissional, usado por advogados, médicos e outros membros das profissões liberais. (PÁDUA, 1983, p. 9).

Este último manual difere dos demais ao recomendar o emprego de papel pautado. Talvez contemple esse uso em razão da data de sua publicação, mais recente, ou por dirigir-se a um “leitor popular”, com reduzida competência gráfica e social para as práticas de correspondência, e que precisaria das linhas para escrever mais facilmente.

Outros manuais, anteriores, proíbem taxativamente o uso de papel pautado. Iracema Castanho (1955, p. 113) afirma: “o papel de correspondência de uma pessoa elegante jamais será pautado, esquisito na forma, ou ostentar quaisquer ornamentos, nem mesmo uma orla dourada”. Vários outros autores de manuais repetem tal recomendação⁷.

As linhas na página anunciam a pouca familiaridade do autor com a escrita e, para ocultá-la, sugere Iracema Castanho, o correspondente pouco hábil deve utilizar sob

⁷ Por exemplo: CARVALHO Marcelino de, 1975, p. 88; D’ÁVILA, Carmen, 1942, p.156; VILLELA, Lúcia Jordão, 1967, p. 252.

a página, uma folha de papel pautado para guiar a escrita da carta que se faz na página superior:

2.º — Fazer uso da folha pautada que acompanha quasi todas as caixas de papel. Colocando-a sob a página a encher, será possível sanar a irregularidade na escrita.

Página 112 do manual *Etiqueta Social*. (Castanho, 1955).

Os materiais/instrumentos de escrita têm significados no jogo epistolar. Lápis, tinta, papel. Branco, colorido, fino, grosseiro, bom papel, perfumado, tarjado, impresso, pautado, cada um significa coisa diferente. O papel branco e fino é o único adequado a todos, o papel tarjado de luto indica uma morte antes mesmo que a carta seja lida, o papel pautado revela uma competência de escrita que não prescinde da linha, o papel impresso com um timbre de hotel ou endereço comercial já aponta a tipologia da carta. E se o papel for rosa... Carta de amiga? De namorada? E se for perfumado? Se for manchado de lágrimas? E se trazer um cacho de cabelos “amados”, um desenho de criança, ou a marca de um dedo infantil⁸?

As cartas de Antônio e Rita⁹, do conjunto Família G, são escritas sobre papel branco, geralmente liso, de espessura média – nem papel grosso, nem papel de seda – algumas vezes os papéis trazem marcas d’água¹⁰:



Excerto da Carta de Rita a Antônio, 27 de fevereiro de 1937.

⁸“Peço-lhe que beije essa manchinha no papel três linhas acima porque foi um dedinho querido dela que o fez”. Carta de Louisa Connolly à irmã Sarah. (TILLYARD, 2000, p.322).

⁹ Cartas trocadas durante uma década de namoro.

¹⁰ Papel fino dobrado em caderno; 12 x 21; com marca d’água, FEATHERWARE, e escrito dos dois lados. Papel empregado por Rita em várias cartas do primeiro semestre de 1937. Nesta carta o papel foi utilizado de cabeça para baixo.

As cartas dos familiares dirigidas a Antônio não eram passadas a limpo. A intimidade da relação permitia enviar cartas com rasuras, com borrões, com anotações às margens. Às vezes, as cartas são escritas a lápis ou com uma pena ruim, porque não há boas penas disponíveis. Outras vezes acontece de usar uma carta, velha de alguns dias, que não havia sido enviada para continuar escrevendo porque “não tenho quasi papel”, como explica Helena:

Tenho demorado a escrever-te porque ando com a correspondência atrasada, Deus queira que te saias bem nos exames. O teu pae está na hora de ir e eu quero aproveitar para elle levar. É quase 1 e meia, já almoçamos. Afinal não continuei e se aproveito esta carta é porque não tenho quasi papel. (Carta de 28 de agosto de 1934. Conjunto G).

O emprego do lápis também pode ser justificado pela falta de tempo, afinal a tinta precisa secar antes que uma carta possa ser fechada:

Estou te escrevendo a toda pressa para pegar o avião por isso resolvi escrever mesmo a lápis. Tua avó vai melhor, pois não tem febre alguma, mas ainda tem a perna bastante inchada e não sei quando sahirá da Santa Casa. (Carta de Helena de 04 de agosto de 1934. Conjunto G).

Entre os correspondentes da família G, o lápis é usado frequentemente pelas irmãs e eventualmente pela mãe. A mãe, nas duas ocasiões em que o faz, adverte e explica suas razões¹¹. As irmãs utilizam o lápis e não fazem menção a isso. O pai, o correspondente que mais competência gráfica exhibe na família, utiliza o lápis e a pena aparentemente de forma indiscriminada.

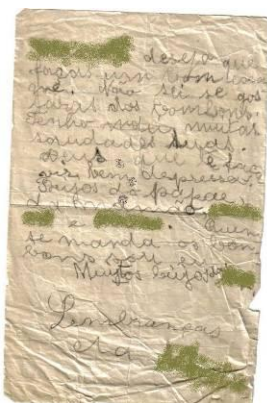
A pena requer habilidade superior. Monteiro Lobato, epistológrafo contumaz, em sua correspondência a Godofredo Rangel que se estende por quatro décadas, usa lápis apenas na última carta quando, afetado pelo que chama de espasmo vascular, avalia não ter condições de usar a pena, “chegou afinal o dia de te escrever, e vai a lápis, porque a pena me sai mal”. (1951a, 361).

¹¹ Além da já citada, de 28 de agosto de 1934, Helena usa o lápis também na carta de 8 de novembro de 1933: “Não gosto de escrever a lápis, mas o João levou para o collegio a minha pena e o teu pae está a espera do automóvel e por isso apresso-me já é uma hora e a 1 ½ vem o automóvel”.

Rita utiliza o lápis na carta que escreveu em 24 de maio de 1939 e se justifica com as seguintes palavras: “Desculpes-me eu estar escrevendo a lápis mas não tenho tinta, estou escrevendo do hotel e vou subscitar o envelope lá no tio Maneca”.

É preciso explicar porque o lápis, dizem os manuais, “é incivil”¹², denuncia uma menor habilidade gráfica e está associado às primeiras letras. Escrever a lápis caracteriza uma escrita mais incipiente e menos formal.

Naná, que parece ter sido uma agregada da casa da família G¹³, escreve a lápis as duas únicas cartas que envia. Estas cartas exibem a menor competência gráfica de todas as que integram este conjunto. O papel que Naná utiliza na correspondência que segue não é exatamente papel de carta, e ela prescinde de informar o local e a data da escritura. O papel é menor, como se fosse a folha arrancada de uma caderneta, grosso e pautado. O exemplo da carta de Naná é emblemática:



Página de Carta de Naná a Antônio, 08 de abril de 1933.

As cartas escritas por elas são enviadas nos mesmos envelopes da correspondência de Leninha. Na segunda vez, além de aproveitar o envelope, também escreve no papel de carta de Leninha

Querido Antônio
Te esqueceste da Naná?
Desejo-te muita saude e que ja estejas mais gordinho.

¹² D'ÁVILA, 1942, p.158. No mesmo sentido, Villela: “o lápis não pode ser usado sob pena de incivilidade”. (1967, p. 253).

¹³ Helena a enumera ao lado dos empregados da família quando escreve “Abraço das creadas, Naná, etc.” (Carta de 06 de agosto de 1933), que manteve laços com a família mesmo após casar-se e mudar-se para outra cidade.

Aqui passam bem, este papel é da Leninha. Neste momento estou vendo os peixinhos da agua são muito bonito que o Seu Alfredo trouxe. A tua pequena vai bem. sabes que esta no colegio S. José e Leninha também. Não espero resposta, porque tens muito que estudar, so quero que mandes dizer para a tua Maezinha que recebeste m^{as} letras mal escritas, e que te lembres de mim com saudades. Deves estar afflicto que chegue o mez de Junho, não é assim? Tens razão. Aceita abraços da Naná. (Carta de 19 de abril de 1934. Conjunto G).

Nesta carta, Naná, assumindo uma posição subordinada, é pouco exigente em relação às obrigações impostas pelo pacto epistolar, ela declara: não precisa me responder, sei que estás ocupado. Naná fica nos bastidores, como a Helène da família Marx. (PERROT, 2005, p. 63). Escreve-se a ela indiretamente, pelo menos até que se case, depois disso, Naná escreve à família, e a família (a avó e Helena, pelo menos), escrevem a ela.

A pena, a tinta, a caneta, o envelope têm sentidos outros. Tinta, somente preta - azul se a preta faltar - as coloridas são para crianças¹⁴. Escrever no trem é impossível com uma pena, e no navio pode ser ainda uma tarefa difícil. Escrevendo a bordo do Lutetia, em 1914, Rubens Antunes Maciel, ao encerrar a primeira carta que escreve aos pais quando inicia seu *grand tour* europeu, desculpa-se:

NB. Si não entenderam a letra a culpa não é minha, é antes do Lutetia, que com jogo e trepidação, não me permithiu melhor. Em Paris, vamos para o “Select Hotel”.

Quanto estimo a penna está detestavel! R. (Carta de 2 de fevereiro de 1914. Conjunto Maciel).

A utilização do papel expressa a distinção social dos correspondentes. Conforme a posição social do destinatário em relação ao correspondente que escreve, maior ou menor será a parcela da página ocupada pela escrita. Margens, espaço entre as linhas, terço superior livre, espaços em branco, que Sierra Blás (2003, p.125) denomina escritura invisível, isto é, espaço “que sin estar escrito, significa”. A apresentação da carta – uma distribuição agradável do escrito, adequada, limpa, sobre bom papel, em boa caligrafia – cria um conceito sobre o autor da missiva. Afinal, a carta é um retrato de quem a escreve.

¹⁴ Sierra Blás reproduz manual que diz que as tintas coloridas são uma fantasia que não teve sucesso, próprias apenas para o uso infantil, e que seu uso seria uma busca de “singularización a costa del buen gusto”. (2003, p.150).

Referências

- BERNAGE, Berthe. **Arte das boas maneiras: moderno manual de boa educação e civilidade**. Lisboa: Portugália Editora, 1967.
- CARVALHO, Marcelino de. **Guia de Boas Maneiras**. Ilustrações de Dorca. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- CASTANHO, Iracema Soares. **Etiqueta social**. 8ª ed. São Paulo: Editora Universitária, 1955.
- CASTILLO GOMES, Antonio. *Entre la pluma y la pared*. Madrid: Ediciones Akal, 2006
- COSTA, Emilia de Sousa. **Na Sociedade e na Família**. 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.
- DAUPHIN, Cecile. *Prête-moi ta plume... Les manuels épistolaires au XIXe siècle*. Paris, Klimé, 2000.
- D'ÁVILA, Carmen. **Boas maneiras**. Ilustrações de Noemia. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Civilização Brasileira S.A., 1942.
- GENCÉ, C. **Tratado de civilidade e etiqueta**. 2 ed. Revista e corrigida por Maria Benedicta Mousinho d'Albuquerque Pinto. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & Cº, s.d.
- LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. Tomo I. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1951.
- MIRANDA, José Tavares de. **Boas maneiras: e outras maneiras**. Ilustrações de Nelson Coletti. São Paulo: Bestseller Importadora de Livros S.A., 1965.
- PÁDUA, Luís Antônio de. **Cartas para todos os fins**. Rio de Janeiro: Multilivros, 1983.
- PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- ROQUETTE, JI, **Código do Bom-Tom, ou regras da civilidade e do bem viver no século XIX**. Organizado por Lilia Moritz Shwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, [1866]1997.
- SIERRA BLÁS, Verônica. *Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares em la Espanha contemporânea (1927-1945)*. Ediciones TREA, 2003.
- SILVA, Léa. **Em Sociedade: Etiqueta social através da História**. 4 ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A., 1962.
- STOKER, Bram. **Drácula**. Porto Alegre: LPM, [1897] 2007.
- TILLIARD, Stella. **Aristocratas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- VILLELA, Lúcia Jordão (Tradução e Adaptação). **Saber viver**. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1967. Ela Enciclopédia. Título original: *Lê savoir-vivre, Collection "Femmes d'Aujourd'hui"*, 1961, Bruxelles.